



3.3

Preferências Românticas e Sexuais, Escolha e Competição por Parceiros

*Fívia de Araújo Lopes
Felipe Nalon Castro
Anthonieta Looman Mafra
Wallisen Tadashi Hattori*

É muito comum julgarmos rapidamente quem consideramos atraente e quem não consegue despertar a nossa atenção. Não precisamos conhecer a pessoa, basta um primeiro olhar e já teremos uma opinião sobre sua atratividade. Podemos nos perguntar: por que consideramos esta pessoa tão atraente? Ou aquela nada atraente? A velocidade de processamento das informações recebidas é incrivelmente rápida e nem sempre chega ao nível da consciência. Por este motivo, pode ser difícil responder a essas perguntas com precisão ou

então entender porque alguém prefere esta ou aquela pessoa como **parceiro romântico**.

Atratividade e Preferências Românticas

Com a utilização de técnicas de pesquisa adequadas, é possível identificar quais são as características específicas para avaliar atratividade geral de uma pessoa enquanto parceiro romântico e/ou sexual em potencial. Em geral, as pessoas associam atratividade com aparência física e, por este motivo, ao longo das décadas, muitos estudos sobre atratividade tratavam e ainda tratam exclusivamente da atratividade física ou a separam em uma categoria específica a fim de comparar com outros traços (Berscheid, Dion, Walster, & Walster, 1971; Castro, Hattori, Yamamoto, & Lopes, 2014; Feingold, 1990; Goldman & Lewis, 1977; Walster, Aronson, Abrahams, & Rottman, 1966).

No entanto, a atratividade de um indivíduo enquanto parceiro romântico, como veremos a seguir, pode ser composta por um conjunto de características que vai além dos traços físicos. Nesse sentido, podemos nos sentir atraídos por pessoas que não são, necessariamente, fisicamente atraentes. Assim, consideramos **atratividade**, de forma geral, como um conjunto de características físicas, mentais e comportamentais que permite a avaliação do valor do indivíduo enquanto parceiro romântico e/ou sexual e seja agradável aos sentidos (Fisher, Cox, Bennett, & Gavric, 2008). No contexto sexual e romântico, a atratividade permite a avaliação positiva e priorização de tais características, gerando prazer e motivando comportamentos afiliativos, de aproximação, desejo, ou de posse, inveja e rivalidade. Inúmeros são os traços físicos, comportamentais, pessoais

(incluindo personalidade) ou de habilidades sociais investigados sobre nossas preferências por parceiros românticos, com o intuito de entender os componentes emocionais e motivacionais básicos por trás da sexualidade e reprodução humana. Além disso, a Psicologia Evolucionista nos permite testar diversas hipóteses mais específicas sobre a origem das preferências românticas e sexuais e seus valores adaptativos, visto que esta abordagem considera as preferências apresentadas no ambiente atual como respostas adaptativas aos problemas ligados à sobrevivência e/ou reprodução enfrentados em nosso ambiente de adaptabilidade evolutiva. Nesse sentido, as preferências evoluídas podem diferir bastante dos comportamentos atuais, como por exemplo escolha de um parceiro real.

De forma geral, na busca de parceiros românticos, homens e mulheres preferem parceiros carinhosos, inteligentes, fiéis, saudáveis e com interesses em comum para estabelecer seus relacionamentos. No entanto, apesar de observarmos algumas semelhanças, sobretudo para parceiros de longo prazo, as pesquisas têm apontado padrões universais de preferências típicas para homens e para mulheres. Segundo a **Teoria das Estratégias Sexuais**, quando tratamos das preferências típicas masculinas, observamos que a atratividade física e o acesso à parceira sexualmente receptiva apresentam maior importância para homens que para mulheres, enquanto que as preferências femininas evidenciam a importância maior no monopólio de recursos ou na habilidade do parceiro em conseguí-los, quando comparadas aos homens (Buss & Schmitt, 1993; Li et al., 2013). Inúmeros estudos, ao longo das décadas, têm encontrado os mesmos padrões universais de preferências típicas de cada sexo em diversas culturas ao redor do planeta (Buss, 1989; Conroy-Beam, Buss, Pham, & Shackelford 2015; Hattori,

Castro, & Lopes, 2013; Hill, 1945; Hoyt & Hudson, 1981; Hudson & Henze, 1969; Li et al., 2013; McGinnis, 1958). O ponto importante aqui é esclarecer que as diferenças entre sexos representam médias, então não são aplicáveis a todas as mulheres e a todos os homens, e as diferenças médias também não implicam desigualdade social entre os dois gêneros (para um debate crítico sobre a Psicologia Evolucionista de ponto de vista feminista, ver Smith & Konik, 2011). Neste sentido, duas questões podem ser respondidas: (1) como estes padrões universais de preferências românticas nos permitem entender a origem e a função adaptativa dos comportamentos sexuais e reprodutivos; e, de forma complementar, (2) o quanto de variação nos padrões de preferências românticas podemos esperar em função de diferentes condições sociais e ecológicas e das diferenças individuais.

Para analisarmos os padrões universais de preferências românticas típicos de cada sexo à luz da Psicologia Evolucionista, precisamos dar um passo para trás e tentar entender a origem das diferenças sexuais na expressão dos comportamentos. Herdamos estas pré-disposições de nossos ancestrais que diferenciam os sexos de nossa espécie, as quais influenciam o potencial reprodutivo de cada sexo (Gaulin & McBurney, 2001). As pré-disposições evoluídas influenciam diretamente na quantidade de tempo, recursos e energia investidos na busca por parceiros sexuais (esforço de acasalamento) e no cuidado direcionado aos filhos (esforço parental) (ver Capítulo 3.2). As diferenças no potencial reprodutivo e no investimento parental (Trivers, 1972) apresentaram desafios diferentes para machos e fêmeas, o que favoreceu durante o processo evolutivo o surgimento de soluções distintas em alguns aspectos para cada sexo, como os padrões de preferências românticas típicas de homens e mulheres.

Box 1. Preferências Românticas na Adolescência

Os padrões de preferências românticas em adultos têm sido amplamente estudados pela abordagem evolucionista, incluindo a descrição dos padrões universais, das variações sociais, culturais e ecológicas e da influência da autopercepção e das diferenças individuais (Buss, 1989; Buss, Shackelford, Kirkpatrick, & Larsen, 2001; Castro, Hattori, Yamamoto, & Lopes, 2014). Estes estudos buscam elucidar as **origens filogenéticas** destes padrões e suas **funções adaptativas** a fim de descrever a história evolutiva dessas adaptações. Além disso, buscam compreender a plasticidade das preferências românticas como forma de compreender as soluções adaptativas utilizadas pelos nossos ancestrais frente às pressões seletivas por eles enfrentadas. Considerando os quatro níveis de análise etológica propostos por Tinbergen (1963), podemos afirmar que, até o momento, pouco se sabe sobre a **origem ontogenética** e os mecanismos fisiológicos subjacentes das preferências românticas, ou seja, como estas preferências românticas se desenvolvem ao longo da vida e quais os fatores que podem influenciar este desenvolvimento. É de grande importância compreender esta origem ontogenética, pois é na puberdade que surgem parte das diferenças sexuais (Weisfeld, 1999), o que abre um campo enorme de pesquisa focado neste período do desenvolvimento para testar hipóteses relacionadas à seleção sexual.

Dentre as preferências românticas investigadas que se tornam cada vez mais importantes a partir da adolescência, está a preferência por idade (Hattori, Castro, & Lopes, 2013). Kenrick e Keefe (1992) propuseram que a preferência pela idade dos parceiros românticos reflete as estratégias reprodutivas adotadas por homens e mulheres, predizendo uma relação complexa entre sexo e preferência por idade, que vão além das normas dos papéis sociais de trocas econômicas e incluem a perspectiva da história de vida. De fato, o modelo concorda que as mulheres

procuram, em geral, homens um pouco mais velhos em relação a elas e estes achados indicam que sua própria idade é o parâmetro de referência. Já para os homens, a preferência por mulheres mais novas não é tão forte ou pode ser inexistente no início da vida reprodutiva, mas se torna mais evidente com o passar dos anos. Uma hipótese evolucionista deve prever que as preferências, neste caso pela idade, podem refletir de alguma forma as estratégias reprodutivas. Assim, para a menina adolescente, preferir um rapaz um pouco mais velho parece ajustar bem ao modelo evolucionista, pois o esperado é a busca por um parceiro capaz de contribuir para criação do filho. Entretanto, para o menino adolescente, preferir a menina mais nova neste período inicial da vida pode não refletir uma estratégia reprodutiva ótima, visto que meninas mais novas do que eles podem ainda não estar em idade reprodutiva. Este exemplo da preferência pela idade nos permite concluir que a avaliação das preferências com base nas características da história de vida do indivíduo pode fornecer uma perspectiva que nos permite considerar aspectos além daqueles esperados pelos modelos dos papéis sociais tradicionais. O modelo proposto por Kenrick e Keefe (1992) evidencia que as preferências por idade vão além da dicotomia popular e simplista de que “homens procuram mulheres mais novas e mulheres procuram homens mais velhos”. Finalmente, esta perspectiva da história de vida permite observar ao longo da adolescência (12-19 anos) o desenvolvimento das diferenças sexuais nas preferências românticas em relação à idade (Kenrick, Keefe, Gabrielidis, & Cornelius, 1996).

Em um estudo com crianças, adolescentes e adultos sobre atratividade facial e vocal (Saxton, Caryl, & Roberts, 2006), foi observado que o julgamento da atratividade de alguns traços, como a atratividade da face, se assemelha entre adolescentes e adultos; o mesmo resultado foi encontrado em populações brasileiras (Castro, Hattori, & Lopes, 2013;

Hattori, Castro, & Lopes, 2013). Entretanto, observou-se também que o julgamento da atratividade da voz não foi concordante entre adolescentes e adultos (Saxton et al., 2006). Da mesma forma, a avaliação por adolescentes de traços relacionados à posse de recursos parece discordar daquela apresentada pelos adultos (Hattori et al., 2013), provavelmente porque neste período da vida, o acúmulo de recursos materiais não seja comum. Essas discordâncias podem sugerir que para certos traços há necessidade de um período mais longo de maturação e aprendizagem para o desenvolvimento pleno dos julgamentos no processo de escolha de parceiros (Marcinkowska, Dixson, Kozlov, & Rantala, 2015).

Variações sociais e ecológicas nas preferências românticas

Como dito anteriormente, os padrões universais podem ser explicados à luz da evolução, com base na **Teoria do Investimento Parental** (Trivers, 1972). Entretanto, alguns aspectos da dinâmica sociosexual das sociedades humanas devem ser considerados para que possamos entender as variações entre populações distintas. Devemos ter em mente que a expressão das preferências românticas é plástica e flexível, e sofre influências dos contextos sociais e culturais, como as regras morais de cada sociedade que guiam as relações interpessoais, e ecológicos, como a **razão sexual operacional** e acesso a fontes de recurso para manutenção da prole.

Considerando os contextos sociais e culturais, percebemos que a forma de conseguir aumentar o status social, por exemplo, varia de uma sociedade para outra (Irons, 1979), podendo influenciar a avaliação que um indivíduo faz de seus parceiros em potencial. Em algumas sociedades, por exemplo, o acúmulo de recursos materiais não é possível (Chagnon, 1988) e, por isso, a preferência por parceiros com melhores habilidades para formação de alianças sociopolíticas passa a ser a via da busca por parceiros que possam contribuir para o aumento do sucesso reprodutivo. Obviamente, as preferências femininas por parceiros em potencial dispostos a investir em longo prazo irá permear a tomada de decisão no processo de escolha (Buss, 2003), o que pode ser observado pela valorização de traços como fidelidade e comprometimento, mesmo estas preferências sendo moduladas pelos contextos socioculturais.

Há uma dinâmica na valorização dos traços preferidos e preteridos que dependem desses contextos socioculturais;

a depender do ambiente social, determinadas preferências podem se tornar secundárias (Castro, Hattori, & Lopes, 2012). Da mesma forma, essa dinâmica leva em consideração o ambiente ecológico e suas características demográficas. Poderíamos nos perguntar, por que algumas pessoas abrem mão das suas preferências ideais? Um dos fatores que pode contribuir para compreendermos esta variação, de níveis populacionais a individuais, é a razão sexual operacional (Schmitt, 2005). Imaginemos uma população na qual o número de homens é maior. É muito provável que as mulheres consigam expressar suas preferências românticas ideais, visto que nesta população elas são o recurso limitante pelo qual os homens irão competir. Numa população na qual o número de mulheres excede o de homens, podemos esperar menor seletividade delas e, assim, um ajuste de suas preferências, abrindo mão de alguns traços geralmente considerados importantes, para melhorar suas chances competitivas. Com base nessas evidências, podemos esperar que nossa mente esteja equipada com preferências românticas, consideradas adaptações especializadas em resolver problemas adaptativos dos nossos ancestrais, que irão, junto com influências socioculturais e ecológicas, modular nossas estratégias de escolha, competição e manutenção de parceiros românticos (Buss & Schmitt, 1993) no mercado biológico de acasalamento (Noë & Hammerstein, 1995).

Diferenças individuais nas preferências românticas

Além das influências de condições sociais e ecológicas, características pessoais, como inteligência, personalidade e homossexualidade, podem influenciar de forma direta a expressão de nossas preferências românticas típicas. Penke,

Denissen e Miller (2007) argumentam que, além das universalidades observadas nos estudos da Psicologia Evolucionista, a integração com a genética evolutiva pode fornecer uma abordagem ainda mais completa e poderosa aos estudos das diferenças individuais hereditárias. Nesta junção de abordagens, os autores propuseram um modelo no qual se espera que traços que influenciam a aptidão em qualquer ambiente (p. e., saúde e inteligência gerais) apresentem preferência em parceiros românticos mais forte e promovam, como consequência, acasalamentos concordantes (*positive assortative mating*), quando comparados com outros traços que respondem à heterogeneidade ambiental (p. e., personalidade). Para testar esta hipótese, um estudo foi realizado com quase 10.000 participantes de 37 culturas diferentes (Stone, Shackelford, & Buss, 2012). De uma forma geral, os resultados corroboram com a hipótese levantada por Penke et al. (2007), visto que as preferências masculinas e femininas variaram mais para os traços de personalidade (provavelmente dependente das variações ambientais) do que a preferência por inteligência (preferência universal). Estes resultados sugerem que a maior uniformidade da preferência por certos traços pode indicar que eles são necessidades, pois contribuem para o aumento da aptidão, e não luxos nas preferências românticas (Li, Bailey, Kenrick, & Linsenmeier, 2002). O casamento de diferentes abordagens nos permite considerar as convenções históricas e questões metodológicas de cada abordagem, por exemplo, na distinção entre habilidades cognitivas e traços de personalidade. Entretanto, essa integração de abordagens nos permite ir além e entender os prováveis tipos de pressões seletivas que moldaram mecanismos psicológicos distintos para essas classes de diferenças individuais, como são

os casos das habilidades cognitivas e traços de personalidade (Penke et al., 2007).

Escolha de Parceiros

Vimos anteriormente que nossas preferências por determinadas características possuem um significado evolutivo, mas que também são sensíveis a variáveis individuais e de contexto. No entanto, mais do que preferir um conjunto de características, nossas preferências são importantes no sentido de guiar nossas escolhas. A escolha classicamente está alicerçada sobre dois elementos, para a maioria das espécies, e parece também se aplicar à espécie humana: 1) qualidade genética do parceiro em potencial, e 2) chances do parceiro investir na própria prole (Buunk & Solano, 2010; Schlomer, Del Giudice, & Ellis, 2011). É claro que, numa situação ideal, seria muito bom se pudéssemos ter o(a) parceiro(a) tal como idealizamos.

No entanto, não podemos nos esquecer de que ao mesmo tempo em que escolhemos, somos escolhidos também. Entram em jogo aqui as expectativas desse(a) parceiro(a) em potencial e se o que eu tenho a oferecer é condizente com a idealização do(a) mesmo(a), além do próprio contexto em que a escolha acontecerá. Por exemplo: há muitos competidores interessados nesse(a) parceiro(a) em potencial? Há muitas alternativas para minha escolha? Minhas escolhas podem ser guiadas ou influenciadas por outras pessoas, como meus pais, por exemplo?

Da preferência à escolha

Encontrar uma pessoa que reúna as características que idealizamos em um(a) parceiro(a) ideal pode não ser uma tarefa simples. No entanto, podemos investigar se, de fato, nossas escolhas efetivam nossas preferências. Castro, Hattori e Lopes (2012), conduziram uma pesquisa na qual solicitavam a estudantes universitários (de ambos os sexos) a avaliação de seu(-sua) parceiro(a) atual ou o(a) último(a) parceiro(a), no caso de participantes que não estivessem em um relacionamento de longo prazo, como também se autoavaliassem enquanto parceiros românticos a partir de um conjunto de características. Os pesquisadores observaram que os homens consideraram as características comumente sinalizadas na literatura (com ênfase nas características físicas) como mais atraentes em suas parceiras do que neles próprios. No caso das mulheres, os parceiros foram avaliados de forma muito semelhante a elas próprias, fazendo-nos pensar que as mulheres estão mais focadas na manutenção do relacionamento em longo prazo do que em satisfazer suas preferências, já que a manutenção do relacionamento pode significar abrir mão de algumas preferências. Tal padrão observado reflete as estratégias sexuais discutidas no capítulo 3.2, sobretudo para as mulheres.

Por outro lado, a flexibilidade nas escolhas pode ter relação também com o tipo de relacionamento pretendido pelos indivíduos, se de curto ou longo prazo. Tal como proposto por Gangestad e Simpson (2000), a variação na configuração dos relacionamentos românticos pode ser, em parte, compreendida à luz da **Teoria das Estratégias Pluralísticas** que inclui os elementos ambientais como uma forte variável em nossas escolhas, bem como o valor do indivíduo no mercado biológico

de acasalamento (ver abaixo) que realiza a escolha. Dessa forma, ambos os sexos tenderiam a modular suas estratégias de curto ou de longo prazo de acordo com o ambiente no qual estão inseridos (favorecendo estratégias de curto prazo quando há alto índice de patógenos e preferindo adotar estratégias de longo prazo quando há escassez de alimento, por exemplo).

Indo um pouco mais além, tal flexibilidade se vê refletida, inclusive, em uma modificação do modelo simplista “machos competem-fêmeas escolhem”, comumente utilizado para discutir o acasalamento em nossa espécie, para o modelo de Escolha Mútua de Parceiros (*Mutual Mate Choice*) como proposto por Stewart-Williams e Thomas (2013). Neste modelo, os autores propõem maior ênfase na competição entre as mulheres e no potencial seletivo dos homens. Como exemplo, poderíamos pensar a seguinte situação: se um homem apresenta os atributos desejáveis para o sexo oposto, seria de se esperar que várias mulheres aumentassem o interesse em escolhê-lo como parceiro. Nessa condição ele poderia se tornar bastante seletivo, uma vez que, dentro desse contexto, especificamente, ele é um recurso valioso, ao passo que haveria muitas mulheres competindo pelo acesso a ele.

Mas a escolha é só minha?

Se pensarmos nos custos que envolvem a escolha de um parceiro romântico e/ou sexual, rapidamente nos vem à mente: e se eu pudesse ter mais informações sobre um(a) parceiro(a) em potencial antes mesmo de interagir com ele(a)? Algumas evidências vêm sendo apresentadas de que podemos ser influenciados pelas impressões que outras pessoas podem ter. Em um estudo conduzido por Chu (2012), mulheres modificaram a avaliação

de atratividade quanto a rostos masculinos após observarem outras mulheres sorrindo em direção a tais fotos, mas com uma ressalva: a percepção de interesse (medido através do sorriso direcionado à foto) só aumentou a avaliação de atratividade da foto do homem, quando a mulher que estava olhando tinha uma reputação confiável (o pesquisador ofereceu informações sobre as admiradoras). Isso sinaliza, em última instância, uma redução de custos na avaliação inicial de um parceiro, interferindo diretamente na escolha *a posteriori*, desde que a informação tenha sido obtida de “fonte confiável”.

Meus pais influenciam nas minhas escolhas românticas?

Até recentemente, pesquisadores das ciências sociais e do comportamento propunham que as pessoas escolham livremente seus parceiros para acasalamento e suas escolhas são guiadas primariamente pelo amor romântico sentido pelo(a) outro(a) (Buunk & Solano, 2010). No entanto, e como uma espécie altamente social, os humanos estão sempre cercados por uma rede social complexa que influencia os seus relacionamentos. Em termos reprodutivos, as escolhas que os filhos fazem para acasalar afetam diretamente o sucesso reprodutivo de seus pais. Nesse panorama, será que os(as) filhos(as) querem para si, os(as) parceiros(as) com as mesmas características que os pais desejam para eles(as)? A situação que se delineia é a seguinte: para os pais, para reduzir a necessidade de investimento deles nos netos, seria vantajoso se o(a) parceiro(a) de seu(sua) filho(a) oferecesse investimentos diretos e indiretos na prole, para que os avós não mais precisassem investir. Para os filhos, ao contrário, o mundo ideal seria focar no parceiro

com boa qualidade genética (avaliada, por exemplo, a partir da atratividade, criatividade e inteligência – Miller, 2007; Nettle, 2007) e continuar usufruindo do investimento de seus pais para criar os netos. Haveria, então, uma tendência no momento de acasalar, que os envolvidos na escolha primassem pela qualidade genética, enquanto os avós estariam interessados na oferta de investimento (Apostolou, 2009; Buunk & Solano, 2010; Schlomer et al., 2011).

Do ponto de vista evolucionista, como pais e filhos não são geneticamente idênticos e os interesses reprodutivos dos pais e seus descendentes podem ser diferentes, se estabelece uma faceta do **conflito pais-prole** (Trivers, 1974). Como no momento em que os filhos escolhem um(a) parceiro(a), a escolha pode trazer diferentes consequências para a aptidão dos envolvidos, a saber, os pais e a prole, há divergência entre as partes, e os pais podem exercer controle direcionando a escolha de seus filhos (Apostolou, Kasapi, & Arakliti, 2014; Buunk, Pollet, & Dubbs, 2012).

Box 2. Diferentes fatores que podem influenciar a escolha de parceiros

Como citado anteriormente, preferências não são fixas, podendo ser moduladas por diversos fatores como, por exemplo, ambiente, auto-percepção e autoestima (Mafra & Lopes, 2014). O ambiente, por si só, atua como um fator de influência na escolha de parceiros, modulando a avaliação que um indivíduo faz sobre os parceiros disponíveis. Se uma pessoa tem um parceiro cujo valor no mercado de acasalamento é inferior quando comparado aos demais, ela tende a diminuir a avaliação do parceiro, enquanto que o contrário também é verdade (ter um parceiro de maior valor em comparação aos demais indivíduos aumenta a avaliação deste parceiro) (Fisher, Cox, Bennett, & Gavric, 2008; Goodwin, Marshall, Fülöp, Adonu, & Spiewak, 2012). Em última análise, o valor do(a) meu(minha) parceiro(a) depende dos competidores em potencial dado um determinado contexto.

Já a autopercepção é um referencial próprio, ou seja, como o indivíduo se avalia e, no caso da autopercepção como parceiro romântico, cada um tem como referência os competidores em potencial disponíveis em um ambiente, servindo como base para esta avaliação comparativa das características mais valorizadas pelo sexo oposto (Goodwin et al., 2012). Se o competidor possui mais características consideradas desejáveis pelo sexo oposto que o indivíduo em questão, este tende a diminuir sua autoavaliação e, conseqüentemente, suas exigências na hora de escolher um parceiro romântico (Buston & Emlen, 2003; Lee, Loewenstein, Ariely, Hong, & Young, 2008).

No entanto, além da influência do ambiente, a autopercepção está correlacionada a outro componente: a autoestima. Bale e Archer (2013), Brase e Guy (2004) e Penke e Denissen (2008) argumentam que indivíduos estão

sujeitos à variação da autoestima de acordo com o nível de aceitação social, relacionando positivamente o nível de autoestima ao nível de aceitação social. Deste modo, a autoestima obedeceria a uma lógica similar à da autopercepção, fazendo com que o indivíduo aumente ou diminua a avaliação de seu valor no mercado de acasalamento de acordo com a qualidade do competidor, ou seja, mulheres tenderiam a relacionar sua autoestima a características ligadas à sua atratividade física enquanto os homens tendem a relacionar sua autoestima a características ligadas à sua quantidade de recursos obtidos ou à sua capacidade de obtenção destes (Mafra & Lopes, 2014; Wade, 2000).

Portanto, autopercepção e autoestima podem ser moduladas pelo ambiente e provocar alteração na preferência por parceiros românticos, gerando um equilíbrio entre as características oferecidas por ambos os sexos de acordo com a disponibilidade no ambiente. Deste modo, a formação de casais se daria em ordem decrescente com indivíduos de melhor valor no mercado de acasalamento se emparelhando, seguidos por indivíduos com valor de mercado logo abaixo destes e assim sucessivamente. Assim, podemos observar que embora as preferências femininas e masculinas possam ser globalmente generalizadas, elas são suscetíveis a modulações. Tais particularidades merecem maior atenção por modificar este processo essencial para o sucesso reprodutivo individual.

Competição por Parceiros

Evolutivamente falando, indivíduos que foram bem-sucedidos em atrair e manter um parceiro por mais tempo tiveram maior probabilidade de ter um maior número de descendentes. Há, portanto, uma forte competição intrasexual por parceiros (competição entre indivíduos do mesmo sexo pelo acesso ao sexo oposto), a fim de atrair ou manter aqueles que forneçam os recursos necessários para um maior sucesso reprodutivo. Neste contexto, as características mais evidenciadas na competição intrasexual variam de acordo com o sexo, sendo mais importantes aquelas mais valorizadas pelo sexo oposto (De Backer, Nelissen, & Fisher, 2007; Fisher, Shaw, Worth, Smith, & Reeve, 2010).

Assim como o foco na competição intrasexual varia de acordo com o sexo, as estratégias utilizadas também. Para uma melhor abordagem das estratégias, iremos discutir separadamente as mais utilizadas por mulheres e por homens a seguir.

Estratégias tipicamente femininas

Taylor et al. (2000) argumentam que, enquanto homens tenderiam a apresentar predominantemente o padrão *luta ou fuga* como resposta a uma situação de estresse, mulheres tenderiam a apresentar o padrão “vigiar e ser amiga” (*tend-and-befriend*), maximizando as chances de sobrevivência da mãe e da sua prole. Lutar poderia implicar em danos para a mãe e/ou os filhos, e fugir não seria uma resposta mais segura pela dificuldade de locomoção da mulher caso grávida ou tendo que carregar um infante. No “vigiar e ser amiga”, por outro lado,

a mãe tenderia a agir de forma a minimizar o impacto do estresse sobre o filho, diminuindo respostas que possam comprometer sua saúde, e criar vínculos com grupos sociais que provêm recursos e proteção para mulher em situações de estresse (Taylor et al., 2000). Assim, mulheres tendem mais que homens a criar e manter laços sociais, fazendo com que elas apresentem respostas fisiológicas mais intensas correspondentes ao estresse às ameaças de exclusão social e sejam mais sensíveis a pistas de exclusão social (Geary, Winegard, & Winegard, 2014; Vaillancourt, 2013). Portanto, enquanto homens tendem a escalar seus conflitos, engajando-se mais em disputas diretas na competição intrasexual (Wilson & Daly, 1985), mulheres tendem a evitar este tipo de comportamento, fazendo maior uso de competição indireta (De Baker et al., 2007; Fisher et al., 2010; Hudders, De Backer, Fisher, & Vyncke, 2014; Vaillancourt, 2013).

Adicionalmente, devido à alta dependência fisiológica e comportamental do infante em relação à mãe, a perda da mesma colocaria mais em risco a sobrevivência da prole que a perda do pai, o que pode ter feito com que mulheres evoluíssem de forma a evitar conflitos diretos e, conseqüentemente, danos graves ocasionados pela competição ou retenção de parceiro (De Baker et al., 2007; Fisher et al., 2010; Hudders et al., 2014).

Autopromoção

A autopromoção (*self-promotion*) é a mais utilizada dentre as estratégias de competição intrasexual entre as mulheres por: 1) ser uma das formas mais seguras e fáceis de atrair e manter um parceiro, 2) o não-direcionamento a um determinado competidor, podendo ser voltada a mais de uma pessoa ao mesmo tempo, e 3) não ser necessário um conhecimento prévio

sobre o competidor (Hudders et al., 2014). Neste capítulo, ela será abordada como estratégia tipicamente feminina porque, em relação aos homens, as mulheres fazem maior uso deste método (Buss & Shackelford, 1997; Hudders et al., 2014).

Na autopromoção, um indivíduo ressalta características positivas que podem atrair um parceiro ou inibir competidores. Tais comportamentos podem ser manifestados de diversas formas, como através de conversas (p.e., comentando sobre um ato de caridade que realizou, acrescentando valor à personalidade) e melhoria da aparência (p.e., uso de maquiagem) (Buss & Shackelford, 1997; Fisher et al., 2010; Hudders et al., 2014; Vaillancourt, 2013). Ainda, Hudders et al. (2014) encontraram que mulheres tendem a investir em marcas de produtos como forma de autopromoção, repelindo competidoras de seduzirem seus parceiros por sinalizarem riqueza, status social e/ou um alto grau de comprometimento do parceiro com relacionamento (provendo itens caros para a parceira). Dessa forma, a mulher melhoraria sua aparência física em relação às rivais a fim de atrair e manter parceiros e/ou se beneficiaria na busca por um parceiro de maior status. Este resultado é coerente com o encontrado por Buss e Shackelford (1997) em que mulheres com parceiros com maior quantidade de recursos investem mais na aparência física e em sinais de recursos.

A competição intrasexual chega a ultrapassar as barreiras do investimento em beleza: em alguns casos, a preocupação com a aparência física chega a ser excessiva, levando mulheres a provocarem vômito, se exercitarem incansavelmente e/ou se submeter a uma rígida e insuficiente dieta alimentar a fim de atingir a aparência física desejada, desencadeando transtornos alimentares como bulimia e anorexia nervosa (Abed et al., 2012; Li, Smith, Yong, & Brown, 2014; Vaillancourt, 2013).

Embora também possa ser observado em homens, mulheres sofrem de transtornos alimentares três vezes mais que homens (Li et al., 2014) e o estudo desenvolvido por Abed et al. (2012) aponta uma relação positiva entre competição intrasexual e transtornos alimentares.

Depreciação do competidor

Depreciação do competidor (*competitor derogation*) também é referida como agressão indireta, a qual inclui comportamentos como criticar o competidor, fazer gestos que o leva ao constrangimento, contar segredos e tentar controlar o comportamento social do competidor (Geary et al., 2014; Vaillancourt, 2013). Para difamar um(a) competidor(a), portanto, é necessário um conhecimento prévio sobre as suas qualidades para que possa dirigir as ações de maneira a diminuir o valor do(a) rival fazendo com que ele(a) pareça menos atraente (Fisher et al., 2010; Vaillancourt, 2013) e não seja bem visto pelos outros e/ou excluí-lo do grupo (Vaillancourt, 2013). De Backer et al. (2007) encontraram que mulheres costumam reter mais informação a respeito da habilidade de atrair parceiros de suas competidoras em comparação com os homens, sugerindo que a manipulação da informação a respeito das competidoras é mais valiosa para indivíduos do sexo feminino.

Dentre as formas de agressão indireta supracitadas, as mais utilizadas por mulheres são através de críticas à atratividade física da rival e espalhar boatos (principalmente sobre o comportamento sexual da competidora) (Geary et al., 2014; Vaillancourt, 2013), uma vez que atratividade física e fidelidade são características altamente valorizadas quando homens buscam parceiras de longo-prazo. Desse modo, não

é surpreendente que mulheres mais atraentes sejam mais alvo de agressão indireta que as menos atraentes (Geary et al., 2014; Vaillancourt, 2013). No entanto, estas últimas também obtêm maiores taxas de sucesso quando depreciam a aparência física de outras mulheres (Vaillancourt, 2013). Vestir-se de maneira provocante também é uma forma de atrair mais atenção masculina, acarretando em hostilidade por parte de outras mulheres, que tendem a julgar mulheres vestidas de maneira sexy como promíscuas e sendo de mais fácil acesso para relações sexuais e relatando não desejar que o parceiro a conheça ou passe tempo em sua companhia (Vaillancourt, 2013).

A depreciação da competidora, no entanto, carrega alguns custos. Por ter maior probabilidade de imprecisões do que a autopromoção, ela pode acarretar diminuição do valor da depreciadora, que pode ser considerada cruel, acabar chamando a atenção do parceiro em potencial para a competidora, e/ou levar a confronto direto, caso seja descoberta pela rival. Ainda assim é considerada eficiente por aumentar as chances da agressora em atrair parceiros de alto valor de mercado ou, pelo menos, diminuir as chances de suas rivais os atraírem (Vaillancourt, 2013). Além disso, na agressão indireta, na maioria dos casos, o agressor permanece anônimo, reduzindo o risco de retaliação (Vaillancourt, 2013), aumentando os benefícios dos indivíduos que fazem uso deste tipo de estratégia.

Estratégias tipicamente masculinas

Devido ao elevado grau de investimento que os homens depositam em sua prole, especialmente comparado à maioria das outras espécies de mamíferos, machos humanos têm muito

a perder caso a parceira deserda (levando consigo todo o tempo e recurso investido nela e fazendo com que todo o processo de procura por uma nova parceira seja iniciado) e/ou lhe traia (neste caso, todo o seu recurso estaria aumentando o sucesso reprodutivo de um competidor e deixando de ser investido em seus próprios genes) (Buss & Shackelford, 1997; Miner, Starratt, & Shackelford, 2009; Starratt & Alesia, 2014). Homens se engajam, então, em diversas estratégias para prevenir a perda de recursos e garantir o seu sucesso reprodutivo, modulando-as para atrair e reter parceira(s) de acordo com os diferentes tipos de situação (também variando de indivíduo para indivíduo – nem todos os homens utilizam todas as estratégias) e intensificando o uso de estratégias de competição/retenção de acordo com o valor da parceira, o seu valor e o risco de traição percebido (Starratt & Alesia, 2014).

Manipulação intrassexual

Na manipulação intrassexual o homem manipula o interesse de outros em relação a uma determinada mulher. A demonstração de que ele está acompanhando-a (por exemplo, segurando sua mão em público), principalmente em presença de outro homem e a depreciação da parceira são exemplos de manipulação intrassexual. No último caso, um homem comentaria com outros sobre características indesejáveis e/ou doenças que a mulher (supostamente) tenha de forma a diminuir o interesse deles em se relacionarem futuramente com ela (Starratt & Alesia, 2014).

Manipulação intersexual

Manipulação intersexual é a manipulação da parceira (atual ou em potencial) para evitar que ela se interesse por outro homem e envolve estratégias de autopromoção e deprecição do competidor (Starratt & Alesia, 2014). No entanto, homens também tendem a se engajar em táticas diferentes para reprimir a deserção da parceira, como através da restrição do ciclo social dela e da manipulação da percepção da parceira sobre ele, sobre si mesma e sobre o atual relacionamento (Miner et al., 2009; Starratt & Alesia, 2014). Estas estratégias podem ser benéficas ou não para a mulher. Uma das formas de manipulação que pode ser positiva é ressaltando os benefícios que o relacionamento pode trazer (presenteando-a, por exemplo) ou seu valor no mercado de acasalamento (elogiando-a) (Miner et al., 2009; Starratt & Alesia, 2014).

No entanto, as estratégias adotadas também podem ser prejudiciais para as parceiras (Miner et al., 2009; Starratt & Alesia, 2014). Miner et al. (2009) encontraram que homens com baixo valor no mercado de acasalamento tendem a fazer mais uso de táticas negativas de retenção de parceiras que aqueles de maior valor de mercado, provavelmente por não ter recursos necessários para investir na relação de um modo benéfico. A restrição social (principalmente em relação a outros homens, chegando, em alguns casos, a usar de agressão física caso o homem não consiga afastar a parceira de rivais) e manipulação da percepção da parceira sobre ela mesma (diminuindo sua autopercepção e convencendo-a de que a atual relação é a única ou a melhor que ela pode conseguir) são exemplos de manipulação intersexual que podem acarretar em prejuízo para a mulher,

a qual se mantém em um relacionamento com um parceiro de menor valor (Miner et al., 2009; Starratt & Alesia, 2014).

Agressão física

Maior estrutura física, principalmente referente à região superior, pele mais grossa, ossos mais fortes, maiores quantidades de hemácias no sangue, dentre outras características, são diferenças anatômicas e fisiológicas entre os sexos que conferem ao homem maior força física e habilidade para a luta quando comparado à mulher (Sell, Hone, & Pound, 2012). Essas características, juntamente com melhores habilidades espacial e de percepção às ameaças e maior quantidade de andrógenos (especialmente testosterona, que aumenta com estresse agudo e psicológico – Taylor et al., 2000 – e está associada com a intensidade de competição masculina, aumentando a probabilidade deles se engajarem em comportamentos de risco – Kruger, 2014; Wilson & Daly, 1985), conferem aos homens as ferramentas necessárias para a competição direta por parceiras. É importante ressaltar que a probabilidade de uso de violência física é maior dentre os homens com maior força física quando comparados aos mais fracos, e o uso de violência aumenta se a parceira é mais jovem (Buss & Shackelford, 1997).

Dessa forma, percebemos que a variação de utilização de estratégias de competição intrasexual se adequa às habilidades competitivas de cada sexo assim como o valor no mercado de parceiros em questão.

Box 3. Competição espermática

A fertilização interna aumenta dúvidas acerca da paternidade da prole, fazendo com que o homem se envolva em diversas táticas para assegurá-la. Estratégias de retenção de parceiras requerem investimento que poderia ser direcionado para outros comportamentos que também acarretariam em maior sucesso reprodutivo, tais como obtenção de maior número de parceiras e disputa e defesa de recursos. Portanto, homens tendem a se engajar em comportamentos de retenção de parceiras quando o custo de não apresentar tal comportamento ultrapassa os benefícios de investimento em outros comportamentos (Leivers, Rhodes, & Simmons, 2014), quando, por exemplo, pode ocorrer a perda de uma parceira de elevado valor ou quando há alto risco de ser traído.

Entretanto, homens que não investem na guarda da parceira não se abstêm da competição intrasexual. Eles utilizam mais de estratégias corretivas, aumentando a proporção do seu espermatozoide ou modificando a composição química e anatômica dos espermatozoides para assegurar sua paternidade (Leivers et al., 2014; Starratt & Alesia, 2014) – claro que não de forma consciente. Enquanto em algumas espécies (por exemplo, inseto de ovos dourados (*Phyllomorpha laciniata*) – Garcia-Gonzalez & Gomendio, 2004) a duração da cópula é positivamente relacionada à quantidade de espermatozoide liberado (Kelly & Jennions, 2011; Leivers et al., 2014), na espécie humana esta correlação não é verídica. Aumentando a frequência de cópula com a parceira de acordo com o tempo que passam separados, o homem

eleva a proporção de seu esperma dentro do trato reprodutivo da parceira em relação aos competidores, aumentando, consequentemente, as chances de fertilização do ovócito por seu espermatozoide (Buss & Shackelford, 1997; Leivers et al., 2014; Starratt & Alesia, 2014).

Outra forma de competição espermática é através da variação no formato, número e desempenho dos espermatozoides (Kelly & Jennions, 2011). Homens que se empenham menos na defesa da parceira tendem a produzir espermatozoides que nadam de forma rápida e precisa, apresentam maior concentração de espermatozoides e maior concentração de espermatozoides móveis por ejaculação (Leivers et al., 2014).

Mercado Biológico

De acordo com os temas apresentados neste capítulo, podemos notar que os relacionamentos românticos e/ou sexuais, envolvem interações de troca entre diferentes indivíduos em ambiente competitivo, o que pode caracterizar uma dinâmica de mercado. O resultado dessas interações seria o acesso a recursos importantes que podem ser utilizados para aumentar as chances individuais de sucesso reprodutivo ou até mesmo social. A fim de esclarecer como ocorrem as relações de trocas entre os organismos vivos os autores Ronald Noë e Peter Hammerstein propuseram, em 1995, a **Teoria do Mercado Biológico**. Segundo essa teoria, os mercados biológicos seriam constituídos de duas

classes de indivíduos que trocam *commodities* para o benefício mútuo. As características desses mercados incluem (a) competição entre os indivíduos da mesma classe, (b) preferência por parceiros que oferecem o maior valor, (c) conflito entre as classes de indivíduos sobre o valor atribuído às *commodities*.

Noë e Hammerstein (1995) utilizaram a teoria para indicar, por exemplo, que a estrutura subjacente a diversos fenômenos, aparentemente não relacionados, possui as características descritas acima. Entre diversos exemplos, pode-se citar a razão pela qual as fêmeas da mosca-escorpião (*Mecoptera*) aceitam ou rejeitam o presente nupcial oferecido pelos machos durante a corte, o motivo pelo qual as lagartas das borboletas *Lycaenid* ajustam a quantidade de néctar oferecido para formigas, em função do número de formigas que as protegem, ou até mesmo a razão pela qual os machos da ave martin pescador (*Ceryle rudis*) trazem alimento para filhotes não aparentados, possivelmente na expectativa de se acasalar com a mãe desses filhotes no futuro não muito distante.

Com base nos exemplos indicados para nossa espécie descritos ao longo do capítulo, é possível verificar que as características que definem um mercado biológico estão presentes nos relacionamentos humanos. Primeiramente, e de forma simplificada para facilitar a compreensão, podemos destacar que o mercado é composto basicamente por duas classes de atores, os indivíduos do sexo masculino e os indivíduos do sexo feminino, os quais possuem *commodities*, na forma de atributos, traços ou características, que podem ser utilizadas pelos indivíduos do sexo oposto para o benefício reprodutivo de ambos (nesse ponto é importante ter em mente que o cenário pode ser mais complexo ao considerarmos a variabilidade intrassexual). Em um segundo momento, os elementos que definem um

mercado biológico podem ser facilmente identificados como: (a) competição entre os indivíduos do mesmo sexo (intraclasse) para conquistar a atenção do sexo oposto ou depreciar a imagem dos concorrentes, (b) padrões de preferência sexual e (c) conflito entre os sexos, pois cada classe realiza um investimento parental um pouco diferente que resulta em estratégias sexuais que diferem em média (o conflito qualidade do parceiro versus quantidade de parceiros, por exemplo). A conjuntura descrita acima permite afirmar com segurança que a definição de mercado biológico pode ser aplicada aos relacionamentos românticos e/ou sexuais o que, por sua vez, lança uma nova perspectiva sobre os estudos dos relacionamentos (Pawlowski, 2000).

Nesse ponto do nosso diálogo, já sabemos que, em média, a classe dos indivíduos do sexo masculino considera mais importante as características físicas da parceira e para longo prazo o interesse aumenta para os traços pessoais. Para a classe das mulheres, observa-se a relativamente maior valorização dos traços físicos e pessoais para curto prazo, e o foco em um parceiro de longo prazo está nas características pessoais, status e nos traços relacionados a recursos (Buss & Schmitt, 1993; Castro & Lopes, 2011; Fletcher et al., 2004; Li & Kenrick, 2006). Essas evidências revelam os atributos que são tipicamente fonte de conflito entre as classes em função do valor que as características possuem no mercado; entretanto, os valores dessas *commodities* podem variar em função de como as pessoas percebem seu valor no mercado de acasalamento e do contexto no qual as pessoas se encontram (condições socioculturais e/ou ecológicas) (Gangestad & Simpson, 2000; Marlowe, 2004; Pillsworth, 2008). Além dos fatores biológicos, como a classe à qual a pessoa pertence, fatores sociais como pertencer a uma determinada cultura, os atributos dos demais indivíduos presentes no grupo

e até mesmo as preferências dos pais podem afetar o processo de escolha de parceiros românticos e/ou sexuais.

Uma vez que os relacionamentos românticos podem ser considerados parte de um mercado biológico (Noë & Hammerstein, 1995), é de se esperar que indivíduos do sexo masculino e feminino se relacionem com parceiros(as) com valor similar, permitindo a conquista e contribuindo para a manutenção do relacionamento (Fletcher & Simpson, 2000; Kenrick, Groth, Trost, & Sadalla, 1993; Pawlowski, 2000). Para exemplificar esse fenômeno podemos analisar o trabalho desenvolvido por Bredow e colaboradores (2010), cujo resultado permitiu inferir que os indivíduos com qualidades pouco valorizadas no mercado biológico dos relacionamentos românticos e/ou sexuais se sentem inseguros sobre suas chances de assegurar um parceiro em um relacionamento de longa duração e alto comprometimento (casamento). O estudo revela que o valor atribuído a nossas próprias características está associado à expectativa de conquistar um parceiro para relacionamento de longo prazo. O estudo também indica que, quando um indivíduo está em um ambiente no qual o valor dos potenciais parceiros(as) é relativamente baixo, a confiança com relação às chances de se casar também diminuem, demonstrando que as características e número das pessoas do nosso convívio podem afetar nossas expectativas de envolvimento romântico e/ou sexual. Kenrick et al. (1993) já haviam observado que o critério de seleção das pessoas está positivamente associado a como as pessoas se percebem, reforçando que as características dos indivíduos influenciam suas preferências e, conseqüentemente, as exigências impostas aos parceiros em potencial.

Dada a dinâmica de mercado, devemos ter em mente que o valor dos atributos pode variar em função das condições

ambientais e sociais no qual uma determinada população se encontra. Para ilustrar esse fenômeno podemos destacar o trabalho realizado pelo pesquisador Penton-Voak e seus colaboradores (2004). Uma das hipóteses investigada pelos pesquisadores era a de que a preferência das mulheres por faces mais masculinas ou mais femininas é modificada pela condição do ambiente. De acordo com a teoria pluralística, as preferências das mulheres deveriam ser mais sensíveis a variações ambientais, já que as condições do ambiente têm relativamente maior impacto no potencial reprodutivo feminino (Gangestad & Simpson, 2000). Segundo essa teoria, as preferências das mulheres deveriam ser mais elevadas por faces de homens mais femininas em um ambiente estável, já que seriam bons indicadores de traços de personalidade pró-social e investimento paterno, enquanto faces mais masculinas de homens deveriam ser mais preferidas em ambiente adverso, porque elas indicam dominância social e saúde física.

Outra hipótese que Penton-Voak et al. (2004) postularam é que os homens deveriam descrever como mais atraentes as faces mais femininas nas imagens de mulheres avaliadas, independentemente do ambiente no qual o homem se encontra. Faces mais femininas indicam sinais de juventude, fertilidade e saúde e nesse estudo foram investigadas amostras da população da Jamaica e do Reino Unido. Em comparação ao Reino Unido, a Jamaica possui uma carga parasitária mais alta e os cuidados médicos são menos comuns. Os autores elaboraram imagens digitais de faces mais masculinas e mais femininas de pessoas de ambos os sexos e apresentaram para homens e mulheres de cada região. Neste estudo, as mulheres avaliaram as fotografias de homens, enquanto os homens julgaram a atratividade das imagens das mulheres. Os resultados encontrados

indicaram a tendência das mulheres jamaicanas em preferir faces de homens mais masculinas comparadas às mulheres britânicas, e também que os homens preferem rostos de mulheres mais femininos em suas populações locais. Estes achados sugerem que as preferências femininas podem estar associadas às características do ambiente e que sinais do ambiente ligados à perspectiva de investimento paterno podem modular as decisões femininas na busca por um parceiro.

Além do ambiente físico, o ambiente social também parece contribuir para ajustes no comportamento de busca e seleção de parceiros. O que pode ser observado no trabalho realizado por Gutierrez et al. (1999), em que a autopercepção é afetada por certas características de possíveis concorrentes românticos, um fenômeno que foi chamado de efeito contraste. Os autores realizaram um experimento no qual homens e mulheres avaliaram seus próprios atributos após terem sido expostos a perfis de indivíduos do mesmo sexo. Tais perfis variaram em função da atratividade física (alta ou baixa) e de sua dominância social (alta ou baixa). Os resultados indicaram que, ao julgarem o seu valor como parceiro para um relacionamento de longo prazo como um casamento, as avaliações dos participantes do sexo masculino foram menores após serem expostos a homens dominantes, não havendo efeito da atratividade física dos perfis masculinos. As autoavaliações das participantes do sexo feminino como parceiras para casamento demonstraram o efeito contrário, foram menores quando expostas aos perfis de mulheres atraentes e não foram afetadas pela dominância social das rivais. Os autores pontuaram que a percepção dos indivíduos pode ser modificada pelo valor das pessoas presentes no mercado romântico local.

Indivíduos que se percebem melhor são mais exigentes durante a seleção de seus parceiros românticos (Campbell, Simpson, Kashy, & Fletcher, 2001). Isso permite supor que o valor dos competidores românticos, por meio do efeito na autopercepção, poderia influenciar o nível de exigência e provavelmente as preferências sexuais, evidenciando, mais uma vez, que os relacionamentos românticos e/ou sexuais ocorrem por meio da dinâmica de mercado.

Conclusões

Com relação aos estudos que abordam os relacionamentos românticos e/ou sexuais, muitos fenômenos ainda se mantêm inexplicados, principalmente em relação às preferências de grupos específicos de pessoas, variabilidade interindividual e a modulação, tanto das preferências sexuais, quanto do comportamento de escolha propriamente dito. A definição do processo de escolha de parceiros e as especificidades do detalhamento das etapas que compõem o processo estão sendo elucidados aos poucos, e diversos trabalhos ainda não desenvolvidos se fazem necessários para uma compreensão mais segura desta dimensão do comportamento humano. O Brasil, em especial, pode ser considerado um dos campos bastante interessante para esses estudos, já que vivemos em um país com enorme diversidade cultural e ambiental.

Questões para discussão

1. Os padrões de preferência romântica e/ou sexual tipicamente masculinos e femininos podem ser encontrados nos mais diversos grupos de pessoas em praticamente todos os locais que ocupamos no mundo. Entretanto, devemos pensar que esses padrões são padrões de comportamento “médios”, já que cada pessoa apresenta características únicas que fazem com que todos os indivíduos sejam diferentes uns dos outros. Segundo a perspectiva evolucionista eles foram herdados de nossos ancestrais e surgiram em resposta aos desafios enfrentados pelos mesmos ao longo da evolução. Com base nos temas discutidos neste capítulo, responda:
 - a. Quais foram os desafios enfrentados por nossos ancestrais que permitiram a seleção dos padrões de preferência romântica observados na atualidade?
 - b. Por que homens e mulheres expressam alguns padrões de preferência semelhantes e outros diferentes?
 - c. As preferências observadas na atualidade podem vir a se modificar em um futuro distante?
 - d. O que deveria ocorrer para que novos padrões de preferência fossem estabelecidos no futuro?